



Nº 20 - FEVEREIRO 2021

REVISTA

RECONEXÃO PERIFÉRIAS



FOTO FERNANDO FRAZÃO/AGB

2021: as periferias no centro das lutas

Associação
semeia segurança
alimentar no Ceará

Enfermeira relata sua
luta diária para salvar
pacientes

AGENDA DE LUTAS FEVEREIRO DE 2021



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores



2021: as periferias no centro das lutas

FOTO: ROVENA ROSA/AGB



O ano de 2021 começou com jeito de continuidade de 2020. A pandemia de Covid-19 segue devastadora, assim como seus efeitos na saúde e para a sobrevivência econômica da população brasileira. Nas periferias agrava-se o quadro de

desemprego e fome, sendo essa realidade vivida principalmente pelas mulheres negras, que muitas vezes ainda têm de lidar com a necessidade de cuidar das crianças e idosos da família.

Por parte do governo federal, segue a política

de negação da realidade e da ciência, questionando a eficácia das vacinas e tornando moroso e descoordenado seu processo de aplicação em todo país. Além disso, a continuidade do auxílio emergencial é cotidianamente contestada por

PROJETO RECONEXÃO PERIFÉRIAS ■ **DIRETOR RESPONSÁVEL** ARTUR HENRIQUE DA SILVA SANTOS ■ **COORDENADOR DO PROJETO** PAULO CÉSAR RAMOS ■ **EQUIPE** ISAÍAS DALLE, JAQUELINE LIMA SANTOS, JULIANA BORGES, LÉA MARQUES, MATHEUS TANCREDO TOLEDO, SOFIA TOLEDO, VICTÓRIA LUSTOSA BRAGA, VILMA BOKANY ■ **COLABORADORES** SOLANGE GONÇALVES LUCIANO, THIAGO SILVEIRA, WEBER LOPES GÓES ■ **EDIÇÃO** LÉA MARQUES E ROSE SILVA ■ **REVISÃO** ROSE SILVA ■ **PRODUÇÃO EDITORIAL** CAMILA ROMA ■ **DIRETORIA EXECUTIVA DA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO** ALOIZIO MERCADANTE (PRESIDENTE), VÍVIAN FARIAS (VICE-PRESIDENTA), DIRETORES: ALBERTO CANTALICE, ARTUR HENRIQUE, CARLOS HENRIQUE ÁRABE, ELEN COUTINHO, JÉSSICA ITALOEMA, LINDBERGH FARIAS, MÁRCIO JARDIM, VALTER POMAR

Bolsonaro, tendo seu valor diminuído consideravelmente, sem apresentar nenhuma outra política emergencial. Assim, a população mais pobre e que não tem acesso a planos de saúde, moradora de localidades distantes dos centros das grandes cidades e capitais, fica jogada à própria sorte, seja para cuidar de sua saúde, seja para garantir sua sobrevivência.

Neste ano será necessário, portanto, ainda mais luta das periferias, dos trabalhadores e trabalhadoras, para resistir a esse quadro e impedir novos retrocessos.

A primeira edição de 2021 da *Revista Reconexão Periferias* apresenta uma análise e uma projeção das lutas para o ano que se inicia. O artigo de Sheila e Bartolina, por exemplo, analisa os efeitos da Covid-19 em um país como o Brasil, com enormes desigualdades sociais, políticas e econômicas, e traz as perspectivas do coletivo de atuação das

autoras - Grupo Tez - frente a esse cenário.

Uma nova seção da Revista também está sendo inaugurada: “quando novos atores entram em cena”, que trará mensalmente perguntas e respostas de novas/os parlamentares eleitas/os que tenham em sua trajetória presença nas lutas periféricas. Esta edição foi feita com Moara Sabóia, 30 anos, negra, oriunda do movimento negro e estudantil, eleita vereadora em Contagem (MG). Em sua entrevista, Moara afirma a necessidade de democratizar a política, com mais jovens, negros e negras nos espaços de poder.

Na seção perfil, apresentaremos coletivos que fazem parte do mapeamento do Projeto Reconexão Periferias. Dessa forma, nesta edição trazemos a história e perspectivas de lutas da Associação Cultural Afro Brasileira Pai Luiz de Aruanda, localizada na Barra, Fortaleza (CE), que atua no tema da segurança alimentar e sua importância na

preservação da saúde.

Na entrevista do mês conversamos com Salete Araujo, enfermeira em São Paulo, sobre a dura jornada que as/os trabalhadoras/es da saúde vêm enfrentando em seus locais de trabalho, motivados por muito amor à profissão, e as necessidades de suporte psicológico e estrutural que estes profissionais merecem e precisariam ter atendidas.

Na seção de arte apresentamos o trabalho de Fátima Regina Gomes Farias, natural de Bagé (RS), atualmente moradora da capital Gaúcha. Fátima é escritora, participa de atividades culturais na Comunidade Bom Jesus Zona Leste e acredita na história do povo negro contada de forma verdadeira pelo próprio povo negro.

Esperamos que estejamos todas e todos fortalecidos para a luta em 2021! Nos encontraremos nelas!

Boa leitura! ■

Perspectivas do Grupo Tez ante as desigualdades, para além da pandemia

SHEILA AZEVEDO PEREIRA E BARTOLINA RAMALHO CATANANTE

SHEILA AZEVEDO PEREIRA

SHEILA AZEVEDO PEREIRA É MESTRA EM EDUCAÇÃO, PESQUISADORA DO GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM POLÍTICA, PLANEJAMENTO EDUCACIONAL E HISTÓRIA ÉTNICO-RACIAL (GEPHER) E PROFESSORA PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CAMPO GRANDE (MS).

BARTOLINA RAMALHO CATANANTE É DOUTORA EM EDUCAÇÃO PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR). PROFESSORA SÊNIOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL (UEMS).

O artigo analisa desigualdades sociais, a política econômica do país e o aumento dos índices de pobreza da comunidade negra com o avanço da Covid-19. Também traz as perspectivas do Grupo Tez e as ações que o coletivo pretende desenvolver.



A desigualdade social e racial existe desde o período colonial, quando ocorreu a mistura de raças ou “festival de cores”, citado pelo autor (Airmerd, 1888) no livro *Lé Brésil Nouveau*, referenciando a chegada dos europeus ao Brasil, povoado por indígenas que viviam em meio à natureza. Logo que os europeus se instalaram em solo brasileiro, trouxeram os negros dos diversos países do Continente Africano e aqui

foram escravizados. A população brasileira foi constituída dessa “miscigenação”, popularizada pelo senso comum, em que todos teriam as mesmas oportunidades e que com essa mistura de raças teríamos o embranquecimento da população brasileira.

Tal fato é questionável ao constarmos os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2020. Em sua grande maioria, a população brasileira afirma ser negra “56,10% é o percentual de pessoas que se declaram negras no Brasil, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad)

Contínua do IBGE. Dos 209,2 milhões de habitantes do país, 19,2 milhões se assumem como pretos, enquanto 89,7 milhões se declaram pardos”.

Nesse sentido, é necessário refletir sobre esses dados do IBGE, qual perfil ele traça da população brasileira frente à desigualdade social e racial que o país apresenta e quais dificuldades essa população vem enfrentando diante da pandemia de Covid-19, com o aumento da pobreza, do desemprego e da fome. A mudança de governo e a chegada da pandemia, com a perda de pessoas da família para o vírus, revelou o sofrimento, o medo



BARTOLINA RAMALHO CATANANTE

e a falta de perspectivas de como seguir em frente.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) traz no seu caderno de estudo “Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça” uma pesquisa feita para identificar a realidade social brasileira. Foi apontado que a desigualdade de gênero e raça é fator primordial para que isso ocorra.

O Ipea considera que essa desigualdade racial pode ocasionar diversos problemas sociais e produzir discriminações com a população negra.

As desigualdades de gênero e raça são estruturantes da desigualdade social brasileira. Não há, nesta afirmação, qualquer novidade ou qualquer conteúdo que já não tenha sido insistentemente evidenciado pela sociedade civil organizada e, em especial, pelos movimentos negro, feminista e de mulheres, ao longo das últimas décadas. Inúmeras são as denúncias que apontam para as piores condições de vida de mulheres e negros, para as barreiras à participação

igualitária em diversos campos da vida social e para as consequências que estas desigualdades e discriminações produzem não apenas para estes grupos específicos, mas para a sociedade como um todo. (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, p.7 2011)

Essa pesquisa vem comprovar que a população negra continua sendo a menos favorecida e a que mais sofre com o preconceito e o racismo estrutural, e a falta de políticas públicas que ajudem a reverter esse quadro colabora com os índices de criminalidade e violência que a mulher, o homem, a criança e o jovem negro sofrem diariamente no país.

Constantemente são noticiadas nos jornais, nos canais de televisão e nas redes sociais as tragédias que vêm ocorrendo com a população negra. No ano de 2020 essas notícias se intensificaram, com as inúmeras mortes por coronavírus e o aumento da violência. Tais fatores revelam que a população negra é a que mais sofre com esse

período pandêmico que se instalou no mundo.

O Grupo Tez e suas projeções frente a pandemia

O Movimento Negro do Mato Grosso do Sul surgiu dos diferentes segmentos que existiam no final da década de 1970, várias ONGS que fomentavam as discussões no âmbito racial, cultural, social e político. Segundo Ribeiro (2015), essas entidades atuavam em diferentes esferas e foram as primeiras a compor o Movimento Negro do MS.

O movimento negro de MS é composto de diversas entidades e atua em diferentes esferas. Estas entidades, na maioria ONGs, atuam com algum recorte racial, seja ele: social, cultural ou político, e também participa de articulações estaduais representativas do movimento negro, sendo eles: os Fóruns ou Conselhos temáticos estaduais e municipais, e ainda temos no âmbito estadual uma Coordenadoria de Políticas de Promoção

da Igualdade Racial (CPPIR-MS), e alguns municípios também possuem uma estância semelhante em âmbito municipal. (RIBEIRO, p.85 2015)

Essas ONGs funcionavam como espaços de discussão das pautas raciais, políticas e interações com as entidades governamentais, o que fomentou o interesse em que outros grupos fossem formados e trouxessem no seu arcabouço as mudanças que ocorriam no país devido à redemocratização iniciada em 1984 com as Diretas Já. Com o desejo de que o país mudasse, Ben-Hur Ferreira, junto com outras pessoas, fundou o Grupo TEZ – Trabalho Estudos Zumbi no dia 18 de março de 1985, o primeiro grupo do Movimento Negro em Campo Grande (MS).

Ribeiro (2015) considera que o Grupo Tez foi “a primeira instituição a defender os direitos do negro em MS”, e isso fez com que pessoas dos diversos segmentos tivessem interesse em participar das suas reuniões, inclui-

ve professores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e alunos do curso de Direito da Universidade Católica Dom Bosco. Entre essas pessoas, Jorge Manhães, Paulo Roberto Paraguassú, Jaceguara Dantas da Silva Passos.

As reuniões do Grupo Tez serviam como grupo de estudo para discutir a situação política do país, questões raciais, a desigualdade que ocorria naquele período e ações políticas que o grupo organizava, durante mais de dez anos, aos sábados à tarde, funcionando como ponto de encontro de jovens universitários, trabalhadores, estudantes e professores que se encontravam para fomentar debates sobre as desigualdades políticas, social e econômica que ocorriam com a população negra.

Para além desse período histórico, o Grupo Tez se consolidou como espaço de luta e resistência. A partir da sua fundação surgiram outros agrupamentos do Movimento Negro constituídos com

ex-integrantes do Grupo Tez, e isso foi importante para que se ampliasse a discussão das pautas raciais e se fortalecesse a luta junto aos órgãos públicos na criação de ações afirmativas e políticas públicas que pudessem atender a população negra e diminuísse os índices de desigualdades.

Em 2020, o Grupo Tez participou de várias manifestações contra o racismo estrutural e o movimento “Vidas Negras Importam”. Nesse sentido, foram feitas reuniões com os membros do coletivo para criar estratégias de segurança para que todos participassem sem risco de contrair o Coronavírus. Essas manifestações ocorreram devido aos inúmeros casos de violência e morte de pessoas negras, foram várias situações em que a população negra foi atingida e nada foi feito. Por meio de várias ações o coletivo buscou arrecadar cestas básicas, materiais de aviamentos de costura para produção de máscaras de tecidos que foram entregues para as famílias.

Diante de tais fatos, o Grupo Tez se prepara para comemorar 36 anos de fundação em 2021 e projeta discutir ações que possam ampliar o combate ao racismo estrutural e à discriminação. No dia 18 de março de 2021, data de aniversário do coletivo, será lançado o livro *Kamba'Race*, que significa “lamento negro”, baseado em um documentário que relata a trajetória do negro no exército e dos muitos soldados negros que faleceram em combate na Guerra do Paraguai, de autoria do jornalista Sionei Leão. A obra relata a contribuição que os negros fizeram ao Exército brasileiro e a desigualdade racial existente, comprovando que na história do Exército somente cinco negros chegaram ao cargo de general.

O Grupo Tez tem como projeção para o ano de 2021 intensificar o combate ao racismo estrutural nos vários segmentos sociais, fomentando a discussão sobre a implementação da Lei 10.639/2003 nos currículos escolares, a vacinação contra Covid-19 e fiscalizando os

órgãos competentes para que essa lei, como todas as outras que fazem atendimento à população negra, seja garantida e cumprida.

O coletivo entende que o momento é bastante delicado e que os maiores atingidos no momento são da comunidade negra, onde muitos estão desempregados, as crianças não conseguem acompanhar as aulas remotas por falta de sinal de internet, adolescentes e jovens permanecem sem perspectivas de acompanhar o ensino escolar. Nesse sentido, o Grupo Tez entende que é necessário continuar combatendo o racismo e as desigualdades que acometem a comunidade negra, compreendendo que “Vidas Negras Importam”. ■

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília: Editora Brasília, 2016f.

IBGE. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Brasília: 2020

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Dinâmica Demográfica da População Negra Brasileira*, nº 91, Brasília, 2011.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Atlas da Violência, Fórum Brasileiro de Segurança*. Brasília, 2017.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Retratos da Desigualdade de Gênero e Raça*. 4º edição. Brasília, 2011.

GOMES. Nilma Lino. *Educação e identidade negra*. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, v. 7, p. 7-10, 2002.

GOMES. Nilma Lino. *O Movimento Negro educador Saberes construídos nas lutas por emancipação*. Editora: Vozes. Petrópolis, RJ, 2017.

PLANURB. *Perfil Socioeconômico de Campo Grande*. Campo Grande: PLANURB, 2018.

RIBEIRO, Bruno de Oliveira. *O Grupo Tez e as raízes da expansão das instituições da sociedade civil negra do Mato Grosso do Sul*. Revista *MovimentAção* v.02, n.01, pp.77-93, 2015.

'O paciente não tem culpa, ele conta comigo'

POR ISAÍAS DALLE



FOTO: DIVULGAÇÃO

Foi uma jornada de medo, dúvidas e muita coragem. Nas palavras da Salete, de muito amor à profissão e aos pacientes. Ela não faltou um único dia no serviço e encarou todos os plantões. Não por medo de perder o emprego, afirma. Mas porque os pacientes contavam com ela. Ela viu colegas de trabalho sucumbirem

Salette Araújo é enfermeira em um hospital privado na cidade de São Paulo, especializado em casos cirúrgicos. Após o início da pandemia, pacientes que eram aguardados para intervenções clínicas de outra natureza passaram a ser diagnosticados com Covid-19. Os casos foram se avolumando, e o hospital, assim como a própria Salete e seus companheiros de trabalho, tiveram de se adaptar à nova e inesperada prioridade: combater a Covid-19.

ao esgotamento emocional durante a pandemia, alguns nem voltaram mais ao trabalho.

O sonho dela sempre foi ser enfermeira. Sonho realizado com muita luta. Salete ingressou na faculdade de Enfermagem aos 22 anos. Hoje, aos 60 anos, deixa transparecer o alívio de quem já recebeu a primeira dose da vacina. Reparem que ela, em diferentes trechos desta entrevista, refere-se ao medo no passado. “Não vamos baixar a

guarda”, diz ela, apontando para o futuro.

Acompanhe a entrevista:

Como é a situação no seu local de trabalho? Houve falta de equipamentos de proteção individual ou de insumos? Se isso aconteceu, como é que os trabalhadores e as trabalhadoras deram um jeito, solucionaram essa situação?

O hospital Presidente é da rede privada, e por isso mantém um atendimento de portas abertas, 24 horas.

O enfoque principal é clínica médica, clínica cirúrgica e ortopedia. É um hospital de médio porte. Foi difícil a adequação nos casos para Covid. Eu acho que ninguém estava preparado para receber esses tipos de pacientes. Então, no início da pandemia, houve o planejamento e depois foi se adequando. O hospital foi ficando cada vez mais indicado para os casos de Covid, em termos de uso de EPI's, de separação de andares, os quartos para isolamento. Funcionários com mais condições de saúde foram destacados para trabalhar na linha de frente. Foi tudo uma questão de tempo, mas não houve falta de EPI's nem de insumos. Eu tenho colegas que trabalham em outros hospitais, tanto da rede privada quanto da rede pública, que sentiram a falta de EPIs. Não tinham máscaras, óculos, aventais e tinham de usar avental de plástico, situações como essa.

Salete, houve algum paciente sob os cuidados de vocês que tenha

morrido por Covid?

Sim, teve. Foram várias situações. Eu trabalho na clínica médica cirúrgica, são pacientes pós-operatórios, mas eu cuidei de pacientes que internaram com Covid e o diagnóstico veio logo depois. Como a pandemia veio em fevereiro, março do ano passado, havia pacientes que estavam para ser operados, então tiveram que fazer a recuperação da Covid, e aí, então, para o final do ano, começo deste ano, tiveram de se submeter à cirurgia indicada. Foram pacientes que saíram bem, teve alguns que saíram bem. Houve outros pacientes que a gente acabou cuidando, que entraram conscientes e orientados, entraram andando, e aí, no final, depois de poucas horas, esses pacientes estavam entubados, sedados. E naquele momento a gente já tinha uma notícia: 'olha, o paciente foi a óbito'.

Houve mais casos como este?

Houve. Como teve casos

também que a gente cuidou, por exemplo, um paciente que ficou 45 dias entubado, passou por traqueostomia, levou um período longo para se recuperar e saiu bem, saiu agradecendo. Tinha em torno de 60 anos.

E para você, como uma enfermeira, quando esses casos de falecimento por Covid-19 começaram a acontecer, qual foi sua sensação, seu sentimento?

Às vezes a gente tem uma sensação de impotência. Eu tenho praticamente 30 anos de formada, então a gente nunca esteve numa situação tão difícil como essa. Normalmente você cuida do paciente, a partir do momento que ele interna, é para ele sair melhor do que ele chegou. Então a recuperação praticamente tem que ser total. E nessa fase foi muito difícil, porque a gente sofreu com eles... Sofreu com a família. Tinha de chegar em casa em condições, ter ânimo para conversar com a sua família e trazer uma perspectiva boa. Porque,

eu saía para trabalhar e a minha filha muitas vezes ficava chorando: ‘O que será que vai acontecer com a minha mãe?’ Então era um plantão de 12 horas naquela expectativa. Por mais que desse o melhor de mim, todo o apoio psicológico para o paciente, para a família... E para nós? A gente sempre tinha que estar bem para esse tipo de atendimento. Realmente foram dias difíceis.

Eu imagino que para você, que tem que tanto tempo de profissão, os tipos de doenças já conhecidos devem ser mais ou menos previsíveis sobre quem é que pode sobreviver, quem não. Mas essa é uma doença imprevisível, não?

É uma doença imprevisível mesmo, que no começo ninguém sabia como tratar, as situações foram vindo e cada paciente reage de uma maneira. Tinha alguns assintomáticos, outros que exacerbavam aqueles sintomas de saturação, de falta de ar, tosse, confusão mental, dor generalizada.

Então foram situações bem diferentes, mas que, no final, o conjunto, acho que agora a gente está trabalhando mais tranquilo, entre aspas né, está dando para lidar melhor com essa situação.

Você falou da sua filha. Você tem duas filhas, elas moram com você?

Uma mora comigo a outra é casada.

É essa que mora com você que chorava algumas vezes quando você saía? Não teria a ver também com o temor do que poderia acontecer com você?

Sim. Porque eu já tenho 70 anos e praticamente eu me incluo no grupo de risco. Mas assim, eu vou te falar uma coisa, estava conversando com uma pessoa que mora aqui na minha rua e comentei que eu tinha tomado a vacina. Ela falou “Nossa, você foi corajosa”. Eu falei: “Fui corajosa desde o começo”. Então, eu não faltei um dia no serviço, não peguei atestado. Graças a Deus, sempre eu sou uma pessoa muito positiva,

então enquanto estava me arrumando (pra ir trabalhar) eu estava, sabe, já fazendo um planejamento de como seria o meu plantão, o que eu poderia encontrar junto com a minha equipe... Então, também confio muito em Deus, estou sempre pedindo para Deus ter misericórdia da nossa vida, da vida de quem trabalha comigo também, muitas vezes pedi também pelos pacientes, pessoas novas, os filhos iam embora, o marido também, chorando, e falavam assim “Olha, a gente vai deixar ele na mão de vocês, ou ela”, ou então aquela situação que a família confia né, deixa o paciente confiando de que ele terá o cuidado adequado, será bem tratado. A gente também tem que ter carinho, o amor para transmitir para o paciente. Porque nessa hora também é muito difícil, não vai ter psicóloga o tempo todo, então a gente, enfermeira, faz o papel do psicólogo, faz o papel do nutricionista. Eu tenho que deixar aquele paciente alimentado, porque é um conjunto, o paciente não

pode ter dor, ele Precisa se alimentar e ter um apoio psicológico. A enfermeira praticamente trabalha em todas essas situações.

Salete, você disse que não faltou nenhum dia nem pensou em faltar. Isso é uma questão de dever profissional, é porque tem receio de perder o emprego ou é uma vocação? O que explica essa resistência, essa persistência por parte do pessoal da saúde?

Essa coragem, né. É muito amor. Eu amo ser enfermeira, desde quando eu me formei eu queria ser enfermeira. Eu não fui auxiliar, eu não fui técnica. Eu me formei, já fiz direto a faculdade. É o amor à profissão. Em nenhum momento eu pensei “se eu faltar eu vou perder meu emprego”. Até porque a gente sabe que nessa fase foi difícil, muita gente não foi trabalhar, entendeu? Como a gente trabalha com escala, contavam com a gente. A gente conta com o enfermeiro, conta com a equipe que trabalha com você. O que a gente vê

mesmo é a situação em termos do paciente. O paciente está lá, ele não tem culpa, e ele precisa do meu atendimento. Em nenhum momento, vou ser sincera com você, eu pensei “eu vou perder meu emprego”. Então, é uma dedicação mesmo, exclusiva, e muito amor no que eu faço.

Você falou também que muitas vezes não havia psicólogo, apesar de ser um hospital privado, onde supostamente há mais recursos, há mais estrutura. E para você e para suas colegas e seus colegas, como é que você lida com essa situação quando,

O paciente está lá, ele não tem culpa, e ele precisa do meu atendimento. Em nenhum momento, vou ser sincera com você, eu pensei “eu vou perder meu emprego”. Então, é uma dedicação mesmo, exclusiva, e muito amor no que eu faço.

muitas vezes, não há um profissional psicólogo para ajudar, para ouvir, com quem é que vocês buscam forças, com quem vocês trocam ideias?

Eu trabalho à noite, então à noite esses serviços de apoio não funcionam em hospital nenhum. Mas durante o dia passa uma pessoa, uma assistente social, vendo as prioridades do paciente, as necessidades. Mas em relação aos funcionários... Eu acho que eu, particularmente, conversava muito em casa, pois tenho alguns parentes que também são médicos, então a gente trocava ideias. “Olha como está no seu serviço?”, “O que você está fazendo nesta situação?”, “Você participou daquele grupo que tomou a vacina?”, entendeu? Penso que esse diálogo com a família para mim foi muito importante, e também conversando com pessoas, do ambiente social, da igreja que frequento. Eu perdi alguns irmãos da igreja, pessoas com quem conversava bastante, isso me deixou um pouquinho abalada

no começo. Mas aí eu fui, a gente foi superando essa situação. O diálogo com a família é muito importante. Minhas filhas são novas, a que mora comigo é nutricionista, então, é uma cabeça bem aberta, ela me dava muita força. Nesse período ela ficou procurando emprego, também tive que dar muita força para ela nesse sentido, mas foi mais por aí mesmo. Tenho também pessoas que são amigas psicólogas, e sempre mandavam uma mensagem de força, uma mensagem de carinho, “Olha você vai sair dessa”, “Você vai superar”, “Parabéns pela sua profissão”.

Como era quando você voltava para casa, você teve medo em algum momento de levar Covid para dentro? Como você lidou com isso?

Como eu te falei, eu ia pro plantão e já fazia uma programação. Terminava o plantão, vinha para casa e encontrava praticamente todo mundo dormindo. Porque eu saio às 6 horas, e eu trabalho a dez minutos de casa. Eu

vou de carro, não preciso tomar condução, metrô, então não ficava exposta em relação a outras pessoas que pudessem ter uma contaminação, Mesmo lá dentro do hospital sou muito cautelosa. A gente tem de estar paramentada, máscara, luva, álcool gel. Isso já é uma prática minha, mas quando voltava para casa eu tinha muita preocupação com o risco de trazer uma contaminação para minha família, mas tomava todos os cuidados necessários em relação ao uniforme, já tirava fora de casa, ia para o chuveiro já, tomar um banho, e aí descansar, me alimentar muito bem. Também dei um suporte bom para eles de alimentação, vitamina, orientação médica. Graças a Deus a gente passou esse período sem ninguém contaminado e nenhuma morte na família.

Neste período em que a gente está conversando as perspectivas são melhores, a vacina está chegando, os profissionais de saúde estão sendo vacinados. Mas, antes,

houve momentos em que a gente nem sabia se a vacina ia chegar, quando ia chegar. Nesse período todo, qual foi o momento mais difícil para você?

Foi no meio da pandemia, ali entre julho e setembro, que a coisa aumentou, o número de mortes e de pessoas contaminadas. Então foi o pior momento, acho que para todo mundo, a gente se sentiu meio que impotente. Eram tantas notícias... A gente passou pela quarentena, depois saiu, aí vieram as eleições, houve aglomeração, para mim foi a época mais difícil. E com isso também a gente começou a ouvir as notícias das vacinas e a ter a perspectiva também: não vamos baixar a guarda, vamos continuar com os mesmos cuidados que a gente teve até agora.

E nesse período todo, houve algum que tenha te dado maior satisfação, que você tenha ficado contente na medida do possível como resultado do trabalho?

Houve sim. Pessoas

que a gente conhecia, e mesmo pessoas que a gente cuidou e que se restabeleceram, foram momentos agradáveis, quando a gente viu que o nosso trabalho é muito importante. Ficamos 24 horas com o paciente. Por mais que saia do plantão e volte depois, você sabe como aquele paciente estava. Houve momentos agradáveis, como pacientes que voltam para fazer o exame e passam para te dar um alô, “vim te ver e mostrar para você como eu estou bem e você teve uma participação em relação a isso”.

O trabalho das equipes de saúde é muito difícil, há também a pressão natural do trabalho, a gente ouve narrativas de que em muitos locais as chefias, as direções, são também muito autoritárias, pressionam demais. O período de pandemia mudou essa relação das chefias e das direções com o corpo clínico?

Mudou, mudou muito. Eu acho que a gente teve uma maior acessibilidade às chefias, uma empa-



FOTO: EMBRAPA

tia. Eu acho que a gente foi mais bem amparada, como uma troca de folga, uma troca de férias, “Olha, estou cansada”, “Vamos trocar as férias, antecipar as folgas”. A gente sentiu que houve um carinho especial em relação a isso. Porque não é fácil, realmente teve pessoas que não aguentaram, ao ponto de acarretar para o restante da equipe. Então, antes que isso se tornasse uma situação mais difícil, então aí a chefia entrava e gerenciava dessa maneira.

Então houve pessoas próximas ali, no trabalho, que sucumbiram a crises emocionais?

Houve. E que está afastada até hoje. Pessoas que tiveram sintomas de infarto, ao ponto de quase

fazer um cateterismo, mas aí foi diagnosticado que era realmente o emocional, o psicológico que não aguentou e a pessoa somatizou toda uma situação como se estivesse infartando, e tem pessoas que estão afastadas até hoje.

Você acha que os danos que essa pandemia causou poderiam ter sido menores? Você acha que houve um manejo por parte das autoridades adequado para o tamanho do problema?

Eu acho que em relação ao manejo dos governadores, dos nossos prefeitos, acho que tudo foi colocado bem esclarecido. Teve situações que a gente achava que poderiam ser melhores, mais adequadas em relação ao momento, mas eu acho

que as pessoas também não acreditavam muito nessa doença. E tudo que foi pedido em relação à aglomeração, ao uso de máscaras, não sair de casa por conta da contaminação, para o familiar, para o idoso, para o grupo de risco, as pessoas não estavam dando credibilidade. Eu cheguei a assistir vídeos de pessoas em festas, pessoas conhecidas e que depois eu me encontrei com elas no pronto-socorro já com o Covid positivo. Às vezes eu até mandava uma resposta: “Puxa vida, vocês estão aí se alegrando, e eu estou aqui trabalhando e daqui uns dias eu vou encontrar com vocês aqui”.

Por que você acha que uma parte das pessoas agiu dessa maneira?

As pessoas ficaram cansadas no começo. A coisa veio muito abrupta: tem de ficar em casa, se recolher, fazer a quarentena. Ninguém estava esperando. Foram pessoas que perderam o emprego. E quando começou a liberar um pouquinho mais a pessoa falou: “agora é

hora, deixa eu aproveitar o tempo que eu perdi”.

Agora eu queria que você contasse um pouco a sua história. Você é uma enfermeira formada. Nasceu em São Paulo mesmo? Como descobriu que queria ser enfermeira? E como foi a sua luta para se formar? Conta um pouco essa trajetória pra gente.

Eu nasci aqui em São Paulo. Minha mãe era filha de espanhol, meu pai brasileiro. Desde a adolescência eu vi que tinha esse dom para ajudar as pessoas, de cuidar. Comecei a ler sobre a história das grandes enfermeiras, a Florence (Nightingale, 1820-1910, célebre por sua atuação na Guerra da Crimeia). Eu tinha uma tia que morava no Rio de Janeiro e era enfermeira, quando ela vinha para cá me contava como era o trabalho dela. Eu falava: “Que bacana, quero ser enfermeira também”. Eu sempre batalhei. Na faculdade meu pai me ajudou. Mas os outros cursos depois da faculda-



FOTO: DIVULGAÇÃO

de fiz trabalhando, não foi fácil. Tenho especialização em clínica cirúrgica obstetrícia, em administração hospitalar e sou graduada também em auditoria em qualidade na área da saúde. Tenho planos de voltar a estudar ainda neste ano.

Obrigado por esta entrevista. Quer acrescentar alguma coisa?

A mensagem que eu quero passar aqui é: vamos continuar nessa caminhada. Eu acho que logo vai haver uma vitória em relação a isso. Para mim foi muito importante ter recebido a primeira dose da vacina, vou receber a segunda dose e isso faz com que a gente tenha ainda mais empenho, mais vontade de ajudar o próximo, de trabalhar na nossa profissão.

Balanço e lições das eleições municipais de 2020

TIAGO SANTANA



FOTO: DIVULGAÇÃO

TIAGO SANTANA É PRESIDENTE MUNICIPAL DO PT DO RIO DE JANEIRO

Campanha mostrou que a força do PT está viva e tem lastro. Mas, pra isso valer, tem de fazer o dever de casa, que é o diálogo com o povo, com as novas narrativas, com os temas que são mais atuais.

A estrutura partidária ficou muito presa ao governo no passado, e as decisões políticas do PT acabaram afastando o partido da nossa gente, da sua essência, dos trabalhadores. Durante as eleições internas nós já fizemos o debate sobre a necessidade de nos reconectarmos, e nosso

primeiro ano de gestão foi isso. Quando chegou o período eleitoral, já tínhamos debate acumulado quando decidimos pela candidatura própria, ajudando o fato de termos Benedita, que já possuía um histórico com este perfil.

A lição que fica das eleições de 2020 é que o que

mais importa é a linguagem direta ao falarmos com o povo. Durante a campanha, a Benedita foi essa candidata, que falou ao povo de modo direto. Rodamos em todas as favelas, e, mesmo em lugares controlados pelo poder paralelo, ela era respeitada e conseguia acesso, pois tem o reco-

nhecimento do povo. A campanha mostrou que a força do PT está viva e tem lastro, mas, pra isso valer, tem de fazer o dever de casa, dialogar com o povo, com as novas narrativas, com os temas que são o atuais e não os da bolha do partido.

O Rio sempre foi uma vitrine para o Brasil, mas nós, do PT, estávamos perdendo a condição de apostar na diversidade no sentido de oferecer à sociedade nomes, segmentos, temáticas que se organizam na sociedade.

Nessa esteira, Thainá de Paula surge como uma ótima alternativa, muito próxima do perfil de Benedita da Silva.

Ela dialoga com a juventude, com mulheres, com negros, não adianta dizer que é só a classe trabalhadora por que não é, tem muita coisa dentro disso. E nós fizemos isso na chapa de vereadores, uma chapa diversificada, cumprimos todas as cotas, negros, brancos, jovens, LGBTQs, fazedores de cultura, o que mos-

trou que isso tem lastro e tem rendimento, pois aumentamos a bancada, o voto em legenda. A Benedita ficou à frente do PSOL e conseguimos falar pra dentro e falar pra fora, que era o nosso grande desafio.

O desafio que eu não esperava e que, mesmo em meio a tantos retrocessos, me surpreendeu foi a necessidade de se fazer o debate sobre as chamadas “pautas identitárias”, cujo problema começa no nome. Trata-se da vida das pessoas, o que elas são na realidade e como a vida delas é vivida. Trata-se de ouvir mais as pessoas, pois há muita necessidade de contribuição da sociedade. Tivemos que fazer uma campanha falando pros pobres, pras favelas e também pra incluir estas pessoas numa agenda política coletiva, de governo, de sociedade. Precisar explicar isso pra algumas pessoas dentro do PT me surpreendeu. Sem incluir essas pautas não vamos derrotar o fascismo e o conservadorismo.

Tarefas até 2022

É preciso ampliar o diálogo e a interação com o povo, sabendo de todas as limitações que a pandemia impõe. O PT precisa ter consciência de sua força, presença e representatividade. Mas isso não basta, é necessário ampliar. Só os setoriais não bastam, é preciso dialogar e organizar. Pra isso, será preciso transitar, trocar informações, e a esquerda toda precisa fazer tudo isso, na prática. Por exemplo, pros segmentos religiosos, ser de esquerda e ser socialista é repartir, é compartilhar, é acolher. Não podemos aceitar rótulos, como se nós fôssemos os detratores de costumes. Enquanto esquerda temos de mostrar um projeto em que toda a sociedade esteja incluída. E a juventude tem um papel estratégico nisso, pra mostrar que a esquerda tem presente e também tem futuro, que o movimento é pra 2022, mas precisa ter mais continuidade em médio e longo prazo.

Frente ampla

Eu sou a favor de frente ampla, mas não pode ser frente ampla apenas de partidos, tem de ser com a sociedade, pois hoje tem muita coisa acontecendo que não está incluída em partidos. E nós temos de nos apresentar para o movimento negro, que tem vários coletivos, movimento das favelas, movimentos culturais, religiosos... eles são muito fortes, o que é bom, mas eles estão em disputa. Existe hoje uma segmento neoliberal travestido de centro. Luciano Hulk é um exemplo, ele flerta com a direita, com neoliberais, mas transita muito em debates progressistas, de territoriais de favelas, com lideranças de favela. Raul Santiago e Rene são das relações dele. Então nós precisamos disputar esses segmentos para fazer desta frente ampla uma frente social. Ela tem de ser com a sociedade, porque se for com partido, vamos ter dificuldades.

Desafio programático

O desafio programático é apresentar para sociedade um projeto no qual ela se veja incluída, então nós precisamos continuar falando para o povo, como o povo, dialogando com o povo organizado, entender e estar junto do povo que não está organizado. Aqueles que ficam mais fluidos para as tomadas de decisão eleitoral, pois se a gente olhar para os dados que dizem que há eleitores do Lula que votaram em Bolsonaro talvez seja porque tenha faltado clareza do projeto que a gente estava apresentando. É o projeto que nós temos de apresentar é garantir o desenvolvimento humano das pessoas. Nós precisamos vender sonhos, mas com um projeto muito claro de como podemos retomar a economia e como as pessoas podem melhorar com um projeto de esquerda, que fale pro povo, envolvendo todos, até a classe empresarial. Dessa forma a gente pode se fortalecer com um movimento amplo. O fortalecimento do PT, a

retomada do diálogo do PT com a sociedade, em uma ação de interação com a sociedade, não pra dizer pra sociedade o que tem que ser feito, mas ouvir e interagir coletivamente, juntar com outros partidos de esquerda e de centro, num programa no qual a gente ofereça ao povo brasileiro os direitos e as oportunidades que ele perdeu desde a ascensão do golpe é o grande desafio. ■

Quando novos atores entram em cena*

MOARA SABOIA - VEREADORA (CONTAGEM/MG)

MOARA SABOIA É
VEREADORA PELO PT EM
CONTAGEM (MG)



FOTO: DIVULGAÇÃO

Moara foi eleita pelo PT para seu primeiro mandato parlamentar, que se inicia agora. Ela é estudante de Engenharia Civil, tem 30 anos e uma forte ligação com os movimentos estudantil e negro, em que iniciou sua militância.

Quais são seus planos para o mandato?

Cumprir as 13 propostas para Contagem, as quais divulgamos em campanha (www.moarasaboia.com/propostas) e ser um mandato feminista, jovem, antirracista e que tenha como foco criar temas anuais. O tema deste ano é a questão de

geração de emprego e renda, para que ninguém passe fome ou dificuldade em Contagem, e que todos tenham o mínimo de dignidade.

Entre esses planos, qual a prioridade número 1?

A prioridade número 1 é o tema deste ano no mandato, a geração de emprego e renda, por

meio do Projeto de Lei Renda Básica de Cidadania. Trata-se de um instrumento de garantia de renda para famílias em condição de vulnerabilidade social, inclusive aquelas cujo principal rendimento bruto auferido pelos membros seja proveniente do trabalho informal, e o microempreendedor individual.

Por que você decidiu ser parlamentar?

Eu nunca pensei em ser parlamentar, mas em 2018 começou a ser pensado um projeto, conhecido hoje como “Projeto Representa”, para que os/as jovens petistas pudessem ser parlamentares, por acreditarmos na renovação e por acreditarmos que os/as jovens que construíram movimentos sociais e que foram fruto de boas políticas públicas, poderiam construir boas trajetórias como parlamentares. A iniciativa do Projeto Representa foi fundamental para minha eleição e para eleição de jovens do país inteiro. Mas a ideia de eu me candidatar veio a partir de uma articulação municipal, pelo fato de ter uma representante dos movimentos sociais na cidade, para haver uma representação no Legislativo por parte de alguém que realmente tivesse afinco com as pautas que acreditamos, tanto que o começo da articulação da minha campanha se deu em janeiro de 2020.

Em comparação com os parlamentares mais experientes, que novidade você quer apresentar na sua forma de trabalho?

A gente visa criar um mandato educador, ou seja, tornar nítido ao povo de Contagem qual é o papel do vereador e vereadora, que não é ser assistencialista, que não é cumprir papéis que muitas vezes são do Poder Executivo. Pretendemos, enquanto diferencial, que as pessoas saibam que ser vereador/a não é função de uma pessoa especial, ou de uma pessoa rica, e que a tarefa do vereador é ser representante do povo na Câmara Municipal, que é legislar e fiscalizar o Executivo.

O que você diria para os jovens que pensam em seguir carreira política?

Eu diria que o mais importante é saber quem você é e para onde você quer ir. O vereador não é diferente de um jovem que cumpriu uma tarefa em um sindicato, que cumpriu a tarefa em movimentos sociais ou

que cumpriu uma tarefa inclusive no Executivo. Todos nós temos a tarefa de tornar a vida do povo melhor, mais fácil e estamos cumprindo estas tarefas em lugares diferentes. Mas, por fim, quero dizer que é para a pessoa jovem acreditar que a Casa Legislativa é a casa do povo e tem que ter a cara do povo, a cor do povo brasileiro. A diversidade que nosso povo tem, inclusive a juventude. Para ter mais jovens na política, precisamos popularizar e democratizar a política, saber que o espaço da política é um espaço de todas e todos, e que não tem espaço vazio, pois quando a gente não ocupa, é ocupado por outros que têm interesses que nem sempre nos servem. ■



FOTO: DIVULGAÇÃO

*esta seção é inspirada em livro de mesmo nome, escrito por Eder Sader e lançado pela primeira vez em 1988

Associação semeia segurança alimentar movida pela sabedoria ancestral

POR ROSE SILVA

FOTO: DIVULGAÇÃO



À frente da Associação Cultural Afrobrasileira Pai Luiz de Aruanda, mãe Bia de Pombo Gira e pai Ricardo de Xangô levam conforto espiritual e segurança alimentar à comunidade

preservação da saúde.

Fundada por Sirleide Rodrigues da Silva, conhecida como mãe Bia, e Paulo Ricardo Muniz da Costa, conhecido como pai Ricardo, a casa utiliza ervas tradicionais para a cura e prevenção de doenças, por meio de um Centro de Umbanda existente há mais de 40 anos. Em outra frente, a associação desenvolve projetos de segurança alimentar que leva conhecimento à população. Ao mesmo tempo, distribui os alimentos recebidos em doações.

Após uma cura que foi realizada no centro de umbanda por um Preto Velho, surgiu a ideia de

montar a associação para levar outros pais e mães de santo e praticantes da umbanda para a tradicional festa de Iemanjá, na Praia do Futuro. Em sua primeira ação, há sete anos, se reuniram pessoas da comunidade que já não participavam mais do evento, em um movimento de resgate histórico e valorização da cultura local, que deu visibilidade à instituição.

“Começamos a fazer seminários sobre saúde, educação, segurança alimentar e intolerância religiosa e colocamos as fotos da festa no Museu do Estado do Ceará. O trabalho foi divulgado em outros estados do Brasil,

Localizada no bairro da Barra, em Fortaleza (CE), a Associação Cultural Afro-Brasileira Pai Luiz de Aruanda surgiu em 2009 para valorizar a cultura local e levar à comunidade conhecimentos sobre a importância da alimentação adequada para a

envolvendo grupos de São Paulo, do Piauí e do Maranhão, e ganhamos até uma medalha de honra ao mérito”, relembra Pai Ricardo.

A Associação participa há três anos do evento “Povos do Mar”, realizado pelo Sesc, que reúne mais de cinco mil pessoas. Nele estão todos os segmentos de cultura nativa do Ceará: pescadores, índios e ciganos. O ingresso no Sesc é considerado pelos fundadores da associação um marco na quebra de preconceitos que ainda persistem em relação às religiões de matriz africana.

“No início, os organizadores não queriam a nossa presença. Chegaram a dizer que o evento seria ‘demonizado’, mas mostramos, com as palestras que fazíamos lá, que os nossos saberes representam uma pluralidade cultural, pois sabemos trabalhar com o índio, o cigano, o boiadeiro, com Oxóssi, com a mata, mostramos a nossa sabedoria ancestral”, afirma Pai Ricardo.

Acolhimento

A cultura de acolhimento na assistência a famílias vítimas de enchentes, da fome e da falta de moradia, que sempre foi praticada no centro de umbanda, desdobrou-se em vários projetos da associação. “As pessoas ficam muito felizes quando recebem um alimento, pois são muito pobres. Outro dia distribuimos 100 chesters, no final do ano, e foi muito emocionante”, conta Pai Ricardo.

Mãe Bia recorda que em 1996 houve uma chuva muito grande, que juntou o mar com o Rio Ceará. “A única casa alta que havia aqui era a nossa. Eu abri a minha porta, recebi velho, criança, gente de todo tipo. E quando as águas baixaram chamamos as famílias deles. Depois disso, a gente começou a dar madeiras para fazerem barracas, tijolos, telhas, cimento. Ajudamos a todos que tínhamos condições de ajudar. Já tivemos mais de dez pessoas morando na nossa casa, inclusive moradores de rua, mas hoje

estamos só com a família e o terreiro, que oferece ajuda espiritual aos filhos de santo”, relata.

Até a pandemia, a associação desenvolvia o projeto “Mais Nutrição”, que utiliza mercadorias doadas pelos comerciantes do Ceasa para fazer atividades com adolescentes e idosos da comunidade. Porém, a mudança de cultura alimentar se revela uma tarefa muito árdua e cheia de contradições.

“Uma vez reunimos trinta crianças aqui para falar sobre segurança alimentar, explicamos a importância da higienização e da qualidade do alimento, o perigo dos agrotóxicos. Servimos bolo de banana feito aqui mesmo e suco de tomate, mas os meninos queriam mesmo refrigerante e bolo de chocolate”, relata Pai Ricardo. “Por isso temos que lutar muito pela segurança alimentar. Pois o país capitalista quer envenenar e vender coisas desde que a pessoa nasce. A última preocupação é a saúde”, diz ele.

Outros projetos são o Sesc Mesa Brasil, no qual a Associação também recebe o alimento para realizar atividades com a comunidade, e o PA Leite, que doa um copo de leite para cada criança. Contudo, com a chegada da pandemia passou a distribuir os alimentos recebidos dos parceiros, que são totalmente aproveitados, inclusive em adubos para as plantas que abastecem os rituais do terreiro.

Intolerância e perspectivas

Mãe de santo há 35 anos, Bia acredita que a intolerância sempre existiu e está no coração das pessoas. “Eu visto minhas roupas, vou pra pizzaria com minhas saias grandes, meu torço na cabeça e espero ser respeitada. Claro que se fala, mas só por trás, porque se falar na minha frente eu serei obrigada a me defender. Nossa organização faz um trabalho muito grande, por isso nos respeitam”, diz.

Pai Ricardo reconhece que a intolerância existe

desde a escravidão, e que, infelizmente, ainda há muito preconceito relacionado ao candomblé e à umbanda. “A associação quebrou em parte muitos preconceitos, porque nós procuramos primeiro trabalhar com a comunidade, para que ela entrasse na nossa casa e visse a importância das nossas ações na questão da alimentação e da espiritualidade. Porque as pessoas estão passando por momentos muito difíceis e necessitam de ajuda. Quebramos preconceitos mostrando quem somos e o que fazemos”, afirma.

Ele diz ainda que hoje a umbanda está nos conselhos de Igualdade Racial, de Segurança Alimentar, de Saúde. “Apesar de ter havido um retrocesso

muito grande no governo Bolsonaro, seguimos quebrando preconceitos com aquilo que nós fazemos, seja dentro ou fora do terreiro.”

Para Mãe Bia, está difícil acreditar e confiar. “Só sei de uma coisa, minha filha, todo dia a gente muda de vida. Cada dia uma pessoa entra no nosso círculo de oração, de levante, e mais tarde se pode mudar de novo. No terreiro ninguém perde a fé, nós precisamos voltar a acreditar nas pessoas.

Pai Ricardo conclui dizendo que a mudança deve começar pela gente. “A união, a fé nos nossos guias ajuda, mas ninguém pode mudar o mundo de não for a partir de si mesmo.” ■



FOTO: DIVULGAÇÃO

Fátima Regina Gomes Farias

FOTO: DIVULGAÇÃO



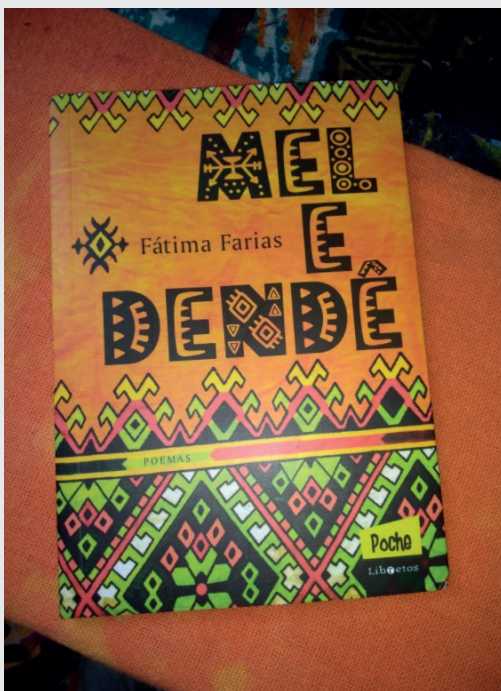
Fátima Regina Gomes Farias nasceu em Bagé RS, reside na capital Gaúcha desde os anos oitenta. Fátima é mulher negra não acadêmica, moradora de Comunidade, e traz em seus escritos a vivência de mulheres invisíveis na sociedade branca. Profissional na área da gastronomia, tem talento natural para as letras em forma de Poesia, Prosa e Música.

É poeta e compositora, participa de coletivos, saraus e feiras literárias com projetos em sua comunidade, Bom Jesus Zona Leste. Um deles é a Geladeiroteca da Bonja, que tem o papel de fortalecer o conhecimento através da leitura e escrita literária.

Tem suas obras em coletâneas como *Pretextência* (Editora Libretos) e *Aquilombados*, lançado recentemente pela editora Hucitec. Os dois livros reúnem poetas Negros do coletivo Sopapo poético, do qual é uma das organizadoras.

Lançou em março de 2020 seu primeiro livro solo, *Mel e Dendê*, também pela editora Libretos. A publicação reúne escritos da vasta coleção da poeta, que prepara seu segundo livro solo.

Fátima Farias, como é chamada, tem um casal de filhos, Magda Gomes e Marco Farias, três netos, Luisa Gomes, Lucas Castro e Lorenzo Castro.



Como compositora, mostra em espaços seus sambas autorais. Alguns títulos de suas composições : Amélia moderna, Festa no céu, Nosso caso, Sem despedida, Feitiço da paixão, Minha Deusa, O samba não morre, Ziruguidum e muitos outros, ela também tem outros estilos como Milongas com raízes de sua Terra. Ela acredita na história do povo Negro contada de forma verdadeira pelo próprio Povo Negro. Suas poesias e letras fazem esse resgate em forma de afeto e denúncia.

Um dos poemas do livro

Almoço Privê

Na cozinha teu abraço
Me esquenta enquanto amasso
As batatas do purê

É tão bom sentir teu cheiro
Misturado com o tempero
Do nosso almoço Privê

Tens um gosto de pecado
E chega sempre calado
Faz da receita eu esquecer

Deixo o fogo bem baixinho
Me entrego a teus carinhos
Misturo devagarinho
Meu mel com o teu Dendê.

Fátima Farias

Facebook: facebook.com/fatimaregina.farias

Instagram: instagram.com/fatima_regina_fatima_farias



FOTO: DIVULGAÇÃO



Sobre Eva Vilma:

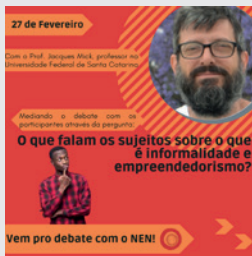
Eva Vilma é mãe, escritora, capoeirista e educadora. Pedagoga, formada pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, especialista em Diversidade e Educação Especial. Nascida em Campo Grande. Tem participação em algumas coletâneas poéticas. Publicou, em parceria com Ciro Ferreira, o livro infantil *Onde Está?*, em 2015. Em 2018, publicou o livro de poesias intitulado *Incômoda*. E em 2020, *Incandescente*, pela Coleção II do Mulherio das Letras e o livro infantil *Ela é...*. Publica também nas redes sociais através das páginas “Arranjos para voos poéticos” no Facebook, e @eva.vilma.338, no instagram, e no site Recanto das Letras.

Facebook: facebook.com/Arranjos-para-voos-poeticos

Instagram: instagram.com/eva.vilma.338

Chamada Pública Reconexão Periferias

No primeiro semestre de 2020 realizamos um edital de Chamada Pública para organizações e coletivos que fazem parte da rede Reconexão Periferias, 28 entidades foram contempladas. As atividades fruto da Chamada Pública Reconexão Periferias, realizada pela Fundação Perseu Abramo em parceria da Friedrich-Ebert-Stiftung, acontecerão até 2021. Veja alguns materiais de divulgação de algumas atividades realizadas.



Movimento Feminino Sergipano Aia Anana
Mulher em Movimento

Realização:

Oficina de Dança Afro
14/02/2021
Dost Adhuma

07h e presencial às 17h

Contato: 79- 9964-3192/4

HIP HOP CONTEMPORÂNEO
33ª EDIÇÃO

Oficina de Grafite
Ligia Viana
@fauelativant

Dia 30/01/2021
16h, sábado

Realização: Papele Tira

Apoio: FUNCAP, FRIEDRICH EBERT STIFTUNG

HIP HOP CONTEMPORÂNEO
33ª EDIÇÃO

Oficina de DJ
Cleiton Márcio
@fauelativant

Dia 30/01/2021
14h, sábado

Realização: Papele Tira

Apoio: FUNCAP, FRIEDRICH EBERT STIFTUNG

HIP HOP CONTEMPORÂNEO
33ª EDIÇÃO

@FAUELATIVANT

Live Show (Redes Sociais)
Intervenção de Grafite (CPA 3, quatro placas)

Dia 06 de Fevereiro de 2021, 16h, Sábado

Realização: Papele Tira

Apoio: FUNCAP, FRIEDRICH EBERT STIFTUNG

Saúde da juventude de terreiro

Lumjicare e Kitembo convidam para curso sobre:

Saúde do povo preto e LGBTQIA+ nos territórios

Infeções sexualmente transmissíveis - IST's
Tratamento, prevenção e cuidados
LGBTQIAbia, sintomas e eficácia de tratamento
O sagrado, a saúde e a dança
Festa de Ijé da juventude de terreiro

Facilitadores profissionais de saúde, assistente social, psicólogo, tarô de rituais

Quando? 23/02, 23/03, 27/04 e 25/05
Horário: 19h às 21h

Onde? On-line

Inscrições gratuitas
2197977-3057 (Wagner)

Realização: Lumjicare, Kitembo

Apoio financeiro: FRIEDRICH EBERT STIFTUNG, PROEX, VIFF

MARLENE SILVA
UMA MESTRA ENTRE NÓS

Divulgação: quarta-feira 13/01/2021 - 17h
@tributemartalesilva - https://m.youtube.com/c/PoesiasRpfunk

Realização: Papele Tira, Lumjicare, Kitembo

Produção do Sabão Ecológico Líquido

15/01/2021
14H

Comunidade 15 de Novembro

FUNDACÃO Perseu Abramo
FRIEDRICH EBERT STIFTUNG

DESAFIOS APRESENTADOS DURANTE A PANDEMIA.

GRUPO CONDOR CABO GATO. R. CONDOR, 925. PEIXINHOS. OLINDA.

9H

16/01

FUNDACÃO Perseu Abramo
FRIEDRICH EBERT STIFTUNG

DESAFIOS APRESENTADOS DURANTE A PANDEMIA

AMPAC - R. CATALÃO, 92. COQUE

15.01- 16H

FUNDACÃO Perseu Abramo
FRIEDRICH EBERT STIFTUNG

Seminário de Apresentação dos Resultados 2020

Coletivo Florestal Cagaita

28 DE JANEIRO
DAS 18H AS 20H30

Você é nosso convidado especial!
Acesso à sala de conferências no link abaixo.

FUNDACÃO Perseu Abramo
FRIEDRICH EBERT STIFTUNG

DEMARCAÇÃO JÁ!

Território Quilombola da Boa Esperança em ameaça
Teresina-PI

FUNDACÃO Perseu Abramo
FRIEDRICH EBERT STIFTUNG

OCUPAÇÃO CULTURAL NO ANTIGO POSTO DA POLÍCIA MILITAR DO PARQUE SOL NASCENTE.

VAMOS!

JUVENTUDE • EDUCAÇÃO • CULTURA • COMUNICAÇÃO

SABADO - 16/01/2021 - 08:00

#OCUPATUDO

COLETIVO VAMOS

FUNDACÃO Perseu Abramo
FRIEDRICH EBERT STIFTUNG

Evento via Facebook

Coletivo Dona Cultura

31/01
17h00

Palestra Papo de Responsabilidade
O mal do bem FAKE!

Qual a nossa responsabilidade como cidadãos em relação aos prejuízos sociais oriundos das notícias falsas?

FUNDACÃO Perseu Abramo
FRIEDRICH EBERT STIFTUNG

Movimento Feminino Sergipano Aia Anana
Mulher em Movimento

Realização:

Oficina de Maculelê
live pelo Instagram @Josiadhuma

Dia 31/01
17hs

FUNDACÃO Perseu Abramo
FRIEDRICH EBERT STIFTUNG

AGENDA DE FEVEREIRO DE 2021

Tendo em vista a necessidade de permanecer em casa devido à pandemia mundial de Covid-19, a agenda deste mês será destinada à divulgação de programações online:

Curta Metragem - Marlene Silva: Uma Mestra Entre Nós

Realização: Associação Cultural Raízes
Apoio: Reconexão Periferias-FPA e Fundação Friedrich Ebert (FES)
[assista aqui](#)

Live Narrativas para Espetáculo Game, lançamento de "Inimigos"

Realização: COATO Coletivo
Quando: 10/02/2021, 19h [assista aqui](#)

Programa Voz da Mulher

produzido pela Associação Mulheres na Comunicação - Rádio Web Mulheres na Comunicação
<https://www.mulheresnacomunicacao.com/>
Aos sábados, às 8h, retransmitido de segunda a sexta-feira: 6h, 13h, 19h e 23h
O programa está disponível no Spotify, Google Podcasts, Apple Podcasts e Anchor, no canal "Mulheres na Comunicação"

Catálogo Brasileiro de Teatro - Curso Dramaturgias do hoje e do amanhã - com Marcio Abreu

Realização: Catálogo Brasileiro de Teatro - Dias 10, 17, 24 de Fevereiro, 03 e 10 de Março, das 19h às 21h
Liberação de acesso e inscrição: palco@fredsoares.com.br

Rádio Comunitária "A Voz das Comunidades" 87,9FM

na página do Facebook e no aplicativo <https://www.facebook.com/radiocomunitariaavozdascomunidades87.9fm>. Programações diárias das 6h às 20h (horário de Manaus).

Festival Alagadiças

Encabeçado por mulheres alagoanas, com mulheres artistas, cantoras, poetizas, performáticas e dançarinas.
Quando: 8 de março, às 20h
Ao vivo no canal: [acesse aqui](#)

Projeto A Rua é o Museu do Povo

intervenções urbanas e rodas de conversa no formato de lives Nos domingos do mês de fevereiro.
Realização: Coletivo Arte Marginal Salvador | Quando: 14, 21 e 28/02/2021 - 14h às 17h
Onde: Praça dos Trovadores, bairro Fazenda Grande do Retiro, Praça Luís Gama, localizada no Largo do Tanque e bairro da Liberdade, nas calçadas do Largo da Soledade, respectivamente.

Lives "Periferias e Perspectivas" com o debate "Periferias Amazônicas em tempos de Pandemia"

Realização: Coletivo Ponta de Lança
Quando: a partir do dia 13/02/2021
Onde: as lives serão transmitidas pelo Facebook do Coletivo Ponta de Lança.

Lançamento do livro "Feminismo Camponês Popular: reflexões a partir de experiências do Movimento de Mulheres Camponesas"

Quando: dia 10 de fevereiro, às 19h30
Onde: facebook.com/mmcnacional
youtube.com/videosmmcbrasil
[Link de compra do livro](#)

*O MMC também tem exemplares com as camponesas em cada Estado. Contatos pelas redes do Movimento: [Facebook](#) e [Instagram](#)

Edital	Foco	Prazo	Link
Edital 2021 - Seguir com Direitos	O Fundo Brasil convida grupos, coletivos e organizações da sociedade civil que atuam no enfrentamento às violações de direitos humanos em nosso país a apresentarem propostas para apoio ao seu trabalho no âmbito do Edital 2021 – Seguir com Direitos. Em 2021, serão apoiadas pelo menos 20 organizações com o valor de até R\$ 40.000,00 (quarenta mil reais) por um período de no máximo 12 meses, para fortalecimento institucional, viabilizando estrutura material e condições básicas de trabalho, bem como garantindo a sustentabilidade de suas atividades de promoção e defesa de direitos humanos.	26/02/2021	https://www.fundobrasil.org.br/edital/2021-seguir-com-direitos/
Consultoria para ONGs e OSCIPs - ESPM - exclusiva para SP	Serão selecionadas organizações para receberem uma Consultoria gratuita de Comunicação, Gestão e Marketing, feitas por alunos e orientadas por professores especialistas. A consultoria é realizada através da análise da estrutura interna da organização e de fatores externos que podem influenciá-la, e depois é elaborado um diagnóstico e um plano de ação com o intuito de alavancar o desempenho da organização.		academico.espm.br/social

OPORTUNIDADES

Fundo Nossa Parte Pelo Todo	Edital irá selecionar e investir recursos em iniciativas que contribuam com o enfrentamento aos efeitos da pandemia de Covid-19 nas comunidades onde o Instituto BRF está presente. São 4 Frentes de Patrocínio: A - Saúde e Ações Emergenciais; B - Geração de Trabalho e Renda; C - Educação e Inclusão Tecnológica; e D - Segurança Alimentar e Proteção Social.	A depender da frente, inscrições até 18/06/2021	https://editaisibrf.prosas.com.br/nossa-partepelotodo2021.html?utm_campaign=divulgacao_email_iv_fundo_nossa_parte_pelo_todo_ibrf&utm_medium=email&utm_source=RD+Station
Edital LGBT + Orgulho 2021)	O Edital busca incentivar o desenvolvimento de iniciativas que auxiliem e estimulem a visibilidade, segurança e respeito às pessoas LGBTQ+. Além de apoiar projetos com foco em empreendedorismo, empregabilidade e geração de renda.	19/02/2021	https://editaisitau.prosas.com.br/lgbt2021.html?utm_campaign=divulgacao_edital_lgbt_orgulho_2021_itau&utm_medium=email&utm_source=RD+Station
Edital de Responsabilidade Socioambiental	Edital quer selecionar projetos que contribuam para o desenvolvimento sustentável das comunidades vizinhas aos ativos da Elera Renováveis. Com o Edital Socioambiental diversas iniciativas relacionadas à educação, cultura e preservação ambiental, entre outros temas, recebem apoio técnico e financeiro em diferentes regiões do país.	26/02/2021	https://www.eleracom/formas-de-apoio/edital-socioambiental/
Matchfunding Enfrente o Corona	A Fundação Tide Setubal, em parceria com a Benfeitoria, abre inscrições para o Matchfunding Enfrente o Corona, plataforma de financiamento de iniciativas de enfrentamento dos efeitos do Coronavírus nas periferias brasileiras.	Inscrições contínuas	https://capta.org.br/oportunidades/fundacao-tide-setubal/

<p>Processo seletivo Trê investindo com causa</p>	<p>Se o seu negócio visa gerar impacto socioambiental, cultural ou econômico positivo, inscreva-se para participar do nosso processo de seleção. A Trê busca conectar pessoas que querem investir no seu negócio, e oferece o investimento “peer-to-peer”, também conhecido como empréstimo direto ou coletivo. Esta é uma modalidade onde vários investidores podem reunir esforços, em forma de capital, para financiar o seu negócio a taxas justas, para que possa impulsionar seu impacto gerado</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p>https://treinvestimentos.com.br/quero-financiamento/</p>
<p>Edital Conectar para Transformar 2021</p>	<p>Poderão participar do edital Conectar para Transformar 2021, pessoas jurídicas de direito privado legalmente constituídas com ou sem fins lucrativos (Associações, Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público, entidades sociais, dentre outros, além de empreendedores individuais (MEIs).</p>	<p>30/03/2021</p>	<p>https://editalbasf.prosas.com.br/</p>
<p>Fondo de Acción Urgente</p>	<p>Os Apoios de Resposta Rápida – ARR é um modelo único de financiamento flexível e de curto prazo criado pelos Fundos de Ação Urgente, para apoiar de maneira estratégica ações que: protegem a diversidade de ativistas e suas organizações, quando elas estão em risco ou ameaçadas por seu trabalho na defesa dos Direitos Humanos e do território e da natureza; ou que atuem pela defesa e promoção dos direitos das mulheres e das pessoas LBTIQ+, estabelecendo precedentes legais, influenciando políticas e/ou promover mudanças nas práticas sociais ou culturais.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p>https://fondoaccionurgente.org.co/es/que-hacemos/apoyos-de-respuesta-rapida/</p>

OPORTUNIDADES

Fundo Casa: Enfrentamento à Covid-19	Chamada para apoiar grupos de base comunitária no enfrentamento à Covid-19 no Brasil. Com valor total de R\$ 1,8 milhão, a Chamada irá priorizar comunidades tradicionais e iniciativas que fomentam a soberania alimentar, a geração de renda e o fortalecimento institucional.	28/02/2021	https://casa.org.br/chamadas/apoio-a-grupos-de-base-no-enfrentamento-da-covid-19-programa-fortalecendo-comunidades/
Global Resilience Fund for Girls and Young Women	Fundo Global de Resiliência para Meninas e Mulheres Jovens, para apoiar grupos ativistas neste momento crítico de pandemia. O fundo apoiará ativistas – incluindo jovens trans, agênero e intersexuais – com doações de resposta rápida flexíveis de até US \$ 5.000.	Enquanto durar a pandemia de COVID-19	https://www.theglobalresiliencefund.org/